

Nesta pandemia, o que me tocou, o que me deixou a pensar

A ideia que nos ocorre quando passaram dois meses de confinamento em casa, é a de TRANSFIGURAÇÃO.

Quase inconscientemente, vivendo um dia-a-dia totalmente diferente e estranho a todos os nossos hábitos adquiridos ao longo dos anos, vemo-nos a encarar TUDO de uma outra forma. Sentimos que nós e o mundo que habitamos, o nosso planeta todo, está a sofrer uma TRANSFIGURAÇÃO. Mas é uma transfiguração definitiva: novas maneiras de viver, novas maneiras de conviver, novas maneiras de adorar, novas maneiras de produzir, novas maneiras de consumir, novas maneiras de pensar o sentido das nossas existências.

Ouvimos falar de medo «do que aí vem», mas o que aí vem é como que uma metamorfose, uma saída do estado de crisálida a que subitamente fomos reduzidos e que nos fez entrar em nós mesmos. Sem muito nos darmos conta, reflectimos, reflectimos com algum espanto nas transformações que se estavam a operar. O covid-19 assemelha-se a uma onda gigante, a um dilúvio que tudo submerge, mas, no fim, quando aparecer a pomba com o raminho de oliveira no bico, o mundo já não é o mesmo.

Então, vamos viver esse novo mundo, talvez com as nossas almas lavadas e com um olhar mais esclarecido do como fazíamos a podemos passar a fazer diferente. Nalguns aspectos, já estão aí os sinais: o ambiente melhorou «esperançosamente» durante o tempo em que não tivemos as mesmas possibilidades de o maltratar. EM FRENTE!

(António e Lourdes Paixão)